

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

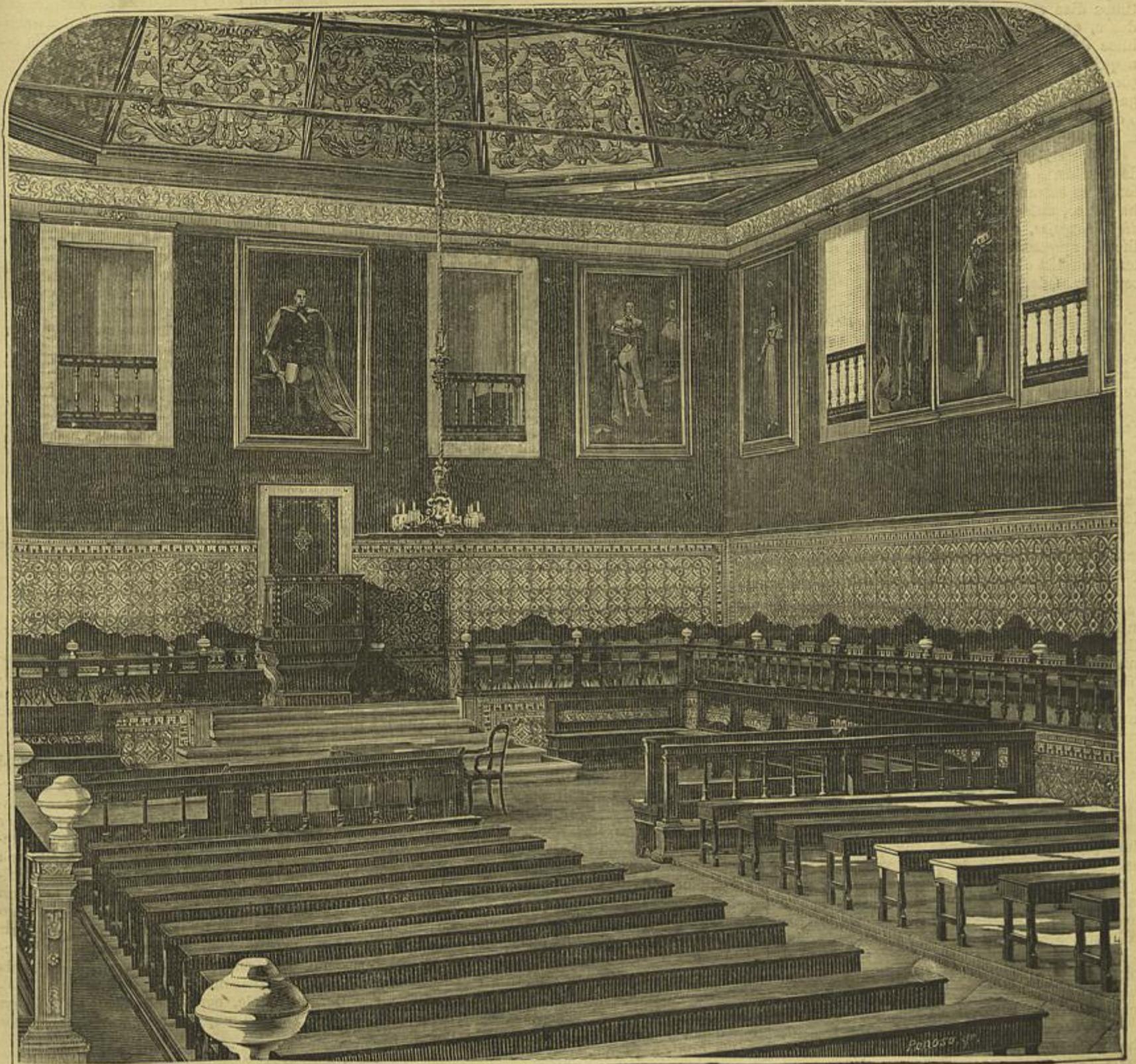
3.º ANNO—VOLUME III—N.º 57

1 DE MAIO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

ESTABELECEMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



SALA DOS ACTOS GRANDES NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Estabelecimentos scientificos de Portugal, sala dos actos grandes na Universidade de Coimbra, A FELIPPE SIMÕES — A NOVA LOUZÃ, BRITO ARANHA — As nossas gravuras — Notas Soltas, romance realista em 1457, JACINTHO PERES — Nordenskiöld e a passagem do Nordeste, E. LIMA DE BARROS — De Buenos Aires à Pampa, FR. NCSICO D'ALMEIDA.

GRAVURAS. — Estabelecimentos scientificos de Portugal, sala dos actos grandes na Universidade de Coimbra — Brazil, vista geral da colonia Nova Louzã na provincia de S. Paulo — Vista exterior da velha igreja matriz da Lourinhã — Corpo e naves lateraes da velha igreja matriz da Lourinhã — Cabo Tscheljuskin — Luduvig Hartmann — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A monotonia da vida lisbonense tem nos ultimos dias sido cortada por alguns casos ruidosos, que destoam um pouco dos nossos habitos de mudez e perturbam até certo ponto a quietação em que as familias e as instituições repousam sob esta abobada azul que, diga-se o que se disser, ainda nos nossos dias é o dom mais garantido e de mais nomeada que a Providencia nos reserva.

O céu de Portugal chega mesmo a ser, antes de Camões, a coisa que mais entremet a nossa fama no estrangeiro. Sarah Bernhardt, ainda ha pouco, antes da sua ruidosa fuga da *Comedie Française*, fallando a um portuguez que lhe foi apresentado no seu camarim, dizia: — tenho ouvido contar maravilhas do céu azul do seu paiz. Quem me dêra vel-o!

E não sabia mais nada de nós. Suppunha simplesmente que eramos visinhos de Murcia, e que haviamos soffrido tambem com a terrivel calamidade das inundações, para allivio da qual a celebre actriz pintou *panderetas* e vendeu *abanicos* no-hyppodromo.

Não é pois injustificada a contemplação em que por ventura estejamos em face d'este céu, e não é para estranhar a impressão profunda que produz em nós mesmo o facto de descermos á terra uma vez por outra para nos occuparmos, ou da fama de Camões ou da gloria das prima-donas.

— A festa artistica de Borghi-Mamo representa um d'estes excessos de enthusiasmo de que os scepticos já nos não julgavam capazes. Dizendo-se que foi uma festa que tocou as raias da pulseira de brilhantes e do lencinho branco de que falla Madame Rattazzi, tem-se dito tudo. Entretanto esta *manifestação*, como muitas outras da sociedade portugueza, se aos *dilettanti* agrada como sacração, ao critico não deve passar desapercibida como symptoma. Dá um pouco a medida do desequilibrio mental que caracteriza a nossa decadencia, e sendo uma apothese pôde ao mesmo tempo ser um estudo.

Uma prima-dona recebe presentes no valor de trinta mil francos, por cantar uma aria, com uma expressão dramatica altamente caracterizada, com um grande talento, — evidentemente muito maior do que a voz, e todavia a nossa arte definha por varias razões, uma das quaes é exactamente por não ter quem lhe offereça n'um anno o que n'este trance enthusiasco se offerece n'uma noite.

N'este ponto, Lisboa, parece-se extremamente com o Cairo; n'este e em alguns outros, tanto debaixo do ponto de vista da musica como debaixo do ponto de vista da esterilidade.

— Depois do triumpho ruidoso da Borghi, chegou a hora do triumpho enthusiastico do tenor Tamagno, sobre a cabeça do qual foi collocada a corôa d'ouro dos vencedores. Ao passo que das torrinhas, o conhecido Napoleão

de S. Carlos lhe despedia com a ancia que ha tantos annos põe ao serviço das ovações, alguns milhares de *bouquets*, os poderes publicos, no intento de secundar este Napoleão da victoria alheia, arremecavam ao peito do bravo tenor o habito da Conceição, o que até certo ponto destoava dos *habitots* dos referidos poderes, que na maioria dos casos só fazem intervir Nossa Senhora nos triumphos eleitoraes. Christo ou S. Thiago são de ordinario os recompensadores das fadigas dos tenores e dos baritonos, que no fim da época, na ultima noite de espectáculo, já sabem como hão de proceder. Chegam-se ao camaroteiro e recebem ao mesmo tempo a quinzana em divida e o diploma da ordem.

Em fim, a segunda phase lyrica vae começar. No intento de dar esplendor ás festas do tricentenario chegam a Lisboa novos astros, e resta agora saber se o publico, á maneira do *Barba Azul* de farçante memoria, irá

De novos amores
Colher as flores.

Mas pelo amor de Deus! que os novos astros desafinem, que é o meio mais facil de não dispendermos com os tenores o enthusiasmo que o *decoro* nacional, dizem as folhas, exige que se dispenda com Camões!

— Depois d'estes dois espectaculos ruidosos o enthusiasmo publico parecia extenuado quando de subito rompe no salão da Trindade o sarau de beneficencia que representa o caso mais original da semana, o que menos está na norma dos costumes publicos, por ninguem suppôr que, entre nós, os espiritos se possam reunir n'um concerto encantador para produzir ao mesmo tempo uma obra d'arte e uma obra de caridade.

N'este caso foi, porem, assim. Tratava-se de commemorar a memoria de Santos Nazareth, o romancista sensível da *Eva*, que principiou por uma impetuosa violencia litteraria e acabou no mar, prostrado pela violencia do sol de Java, — e tratava-se de ir em soccorro da familia do escriptor, que na intelligencia luminosa d'este tinha a sua unica luz, e no seu braço vigoroso o unico amparo. Antonio Candido explicou os intuitos da festa e a indole do escriptor, com aquella eloquencia nitida, vigorosa e profundamente litteraria, que lhe dá um logar á parte na tribuna moderna, seguindo-se outros poetas e oradores que encantaram o auditorio com o som da sua palavra ou com a harmonia dos seus versos: Fernando Caldeira que disse uma d'aquellas exquisitas e graciosas trovas que são um segredo da sua musa, Pinheiro Chagas que fez um d'aquelles exordios imaginosos e brilhantes que assignalam a sua uberrima fantasia de escriptor, recitando depois a poesia a *Liberdade*, tão nossa conhecida; Magalhães Lima que foi tribuno eloquente — tanto quanto se pôde ser tribuno n'uma sala, diante de senhoras — e Gonçalves Crespo que por fim recitou a *Resposta do Inquisidor* e a *Morte de D. Quichote*, duas perolas litterarias, dois diamantes facetados com aquella arte que o poeta das *Miniaturas* sabe pôr nas obras do seu bello espirito; e como as recitou elle? Admiravelmente, a ponto tal que o auditorio comprehendeu que a palavra pôde ter recursos tão vastos como o canto. Borghi-Mamo que antes d'isso tinha suspirado a aria de Margarida, do *Mephistopheles* de Boito, com aquelle talento que tanto nos arrebatava, não comoveu mais o animo dos espectadores, não alcançou de certo mais applausos.

Mencionemos mais uns trechos musicaes pela *prima-dona* Gargano, pelo tenor Tamagno e por dois pianistas distinctos, e teremos feito um resumido relatorio da festa, não com tanta arte como o poderia fazer um official de secretaria, mas pelo menos com tanta consciencia.

— Dois livros tem o chronista diante de si; dois livros de seductor aspecto, um em verso outro em prosa, um que chega de Roma, e outro que chega do Porto, um intitulado *Sonetos e Rimas*, assignado por Luiz Guimarães Junior, outro intitulado *Contos d'Aldeia* e assignado por Alberto Braga.

Fallemos hoje do primeiro visto vir de mais longe, e guardemos o outro para a chronica seguinte: não sejamos esbanjadores consumindo n'um dia as escassas provisões litterarias que os editores de tempos a tempos nos fornecem.

Luiz Guimarães Junior, queridas leitoras, é um rapaz brasileiro que pertence á ala dos trovadores e ao mesmo tempo ao corpo diplomatico; mas por muito conceituosas e muito bem pensadas que sejam as notas que elle dirija ao mundo official, de certo que ellas nunca poderão ser lidas por nós com o deleite com que havemos de ler sempre os encantadores versos encerrados n'este delicioso volume, que ao mesmo tempo é uma verdadeira joia typographica saida das officinas romanas.

Nos *Sonetos e Rimas* ha estrophes delicadissimas, poesias altamente sentidas taes como a *Morte da Aguia*, os *Poetas mortos*, o *Viagante* e muitas outras, todas tocadas d'uma suave melancholia que lhes dá o sabor exquisito dos versos de Armard Silvestre ou de François Coupée. Esperemos que o espaço abunde mais no numero seguinte para documentarmos este rapido pensamento a respeito do poeta com algumas das suas estrophes formosissimas.

— Abriu-se a exposição na Academia das Bellas Artes e foi grato para todos contemplar que, nos ultimos annos, o espirito nos nossos artistas não tem permanecido estacionario. Ha evidentemente muito caminho andado, mas ainda ha algum a percorrer até chegar ao ponto culminante que n'esta exposição pode muito bem ser representado por Carolus Duran. Quando não tivesse outras assignaladas vantagens a exposição dos quadros do grande mestre, tinha esta, de nos orientar, ensinando-nos o ponto aonde nos havemos de dirigir.

Entretanto os quadros de Silva Porto não são já uma promessa ou uma revelação; são uma confirmação brilhante, e n'esta exposição ha pronuncios de vida que fazem nascer em nós uma esperanza consoladora. O OCCIDENTE ha de ter ensejo de fallar detidamente da exposição e das produções artisticas que a abrihantam. Quer hoje o destino que a chronica tenha de prometter tudo para o numero seguinte!

GUILHERME D'AZEVEDO.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

O mappa que hoje apresentamos aos leitores é feito por uma reprodução photographica, exacta, mas reduzida, do mappa executado em Mossamedes, sobre as observações e sobre os desenhos parciais, por os proprios exploradores Capello e Ivens.¹

Este mappa, pois, o primeiro que da notavel viagem se publica, é assim uma obra importantissima para os geographos nacionaes e estrangeiros, e, ainda, para os que desejarem ter uma idéa exacta das opiniões dos, já hoje, celebres viajantes portuguezes, e da natureza dos territorios que formam, por leste, a continuação d'aquelles a que Portugal chama a sua provincia de Angola. É a terceira vez que o OCCIDENTE tem a honra de ser a primeira revista do mundo a apresentar o mappa resumido, mas essencial, de recentes e notaveis explorações africanas.²

Daremos hoje, para que os leitores possam seguir-a sobre o mappa junto, a indicação dos

¹ Como foi reduzido pela photographia a relação do mappa original $\frac{1}{100,000}$ deixou de ser verdadeira.

² Vidé OCCIDENTE v. II, pag. 101, *Territorios explorados pelo major Serpa Pinto*, e v. II pag. 136, *Viagem do tenente Otto Schutt*.

principaes traços que caracterizam as terras atravessadas por Capello e Ivens na sua exploração ao norte do Bihé:

Entre 13 e 14° de latitude sul, nasce o Quanza. Capello esteve muito proximo da sua origem: É uma lagôa de 3 a 4 milhas de comprimento por cerca de 2 de largura. D'ahi o rio corre, pelas terras de Quimbandi, de sudoeste para nordeste, inclinando-se em seguida para o norte e, enfim, voltando pelas terras de Maluimbe, por noroeste, como que já em demanda do Atlantico.

A oeste do Quanza estendem-se, ao longo d'elle, de sul a norte, as terras altas de N'Dulo.

Foi, justamente, onde o rio volta para noroeste, cerca do 12° paralelo sul, que os exploradores portuguezes atravessaram, nos fins de maio de 1878, o Quanza, que ali tem 50 a 60 metros de largura, 3 metros na maior profundidade, e 1 1/2 milha de corrente. É tambem proximo a esse ponto que o rio Cuiha se vem reunir, das terras dos Ganguellas, a leste, ao Quanza.

Na frente dos exploradores, para nordeste, ficavam então as terras de Quiocó; á direita, para sueste, as terras dos Ganguellas, e á esquerda, para noroeste, o Songo. As montanhas tem em toda esta região muitos mineraes, sobre tudo muito ferro, e é d'aqui que os mercados, que mais para sul e oeste estão em comunicação com os estabelecimentos europeus, se abastecem de cera.

Continuando na sua marcha para nordeste, os exploradores estavam, nos fins de junho, sobre o rio Loando, affluente do Quanza, que corre quasi paralelo a este, por um largo espaço.

D'entre 11 e 12° de latitude sul, e d'entre um maciço de altas serras, na phrase do sr. Capello, *convulsionadas*, de valles muito apertados, que formam a extremidade oeste das terras de Quiocos, saem, em diferentes direcções, todos os rios importantes d'esta parte d'Africa.

A serra de Tala Mogongo, correndo, na sua direcção mais dominante, de sueste para noroeste, devide as aguas que vão para o Atlantico mais directamente, das que primeiro se juntam, no norte, ás do rio Congo.

As primeiras são, no Quioco, principalmente representadas pelo Loando, affluente do Quanza, umas 30 milhas a montante de Quibinda. Este rio tem uma largura media de 60 a 70 metros e despenha-se primeiro em cachoeiros, enquanto corre pela região muito montanhosa de que fallei, para depois serpear, na planicie que fica entre as terras dos Ganguellas, Quimbande e Sumbe, ao sul, e o Quioco, o Songo Grande, e, depois, sem duvida, Suella, N'Boboma, ao norte. As margens do Loando são muito férteis e as suas aguas abundantissimas em peixe.

Ao sul da origem principal do Loando nasce o Cassai, o grande rio, ultimamente estudado n'uma grande parte do seu curso (Otto Schutt) e que é elle, segundo parece, o proprio Zaire¹. Do ponto a que me estou referindo, o Cassai corre, com pouca agua, e com o nome de Cauu, para leste, e só muito mais longe, nas terras de Catende, volta para o norte, largo e cheio, em busca do Congo. Mais abaixo, o rio T'Chicapa, aparta-se do Cassai e corre directamente para o norte, indo affluir a este, depois de atravessar as terras do Mai-Muene, cerca do paralelo 8° de latitude sul.

As informações que os exploradores colheram, sobre os paizes a leste que os diferentes braços do Cassai atravessam, são numerosas e sobre modo interessantes.

Ha com effeito, ou sob o 5.º ou sob o 6.º paralelo, ou por ventura estendendo-se d'um a outro, um lago, talvez o Sancarora do tempo da viagem de Cameron, o Lufua N'Gimbo de Schutt, a que os exploradores portuguezes chamam Quintamjinbo. Tambem elles marcaram n'esses territorios, nas suas direcções aproximadas, muitos caminhos para Londa, para

Luba, na direcção do Lualaba, do lago Moero, do rio Tanganica.

O rio que particularmente foi estudado e seguido por Capello e Ivens é o Coango.

A sudoeste das nascentes do T'Chicapa encontra-se a origem mais sul do rio Coango, a 10 milhas, talvez, a nordeste da do Cassai.

3:600 é a altitude acima do nivel do mar d'este ponto no plan'alto do Quioco. D'ahi desce, por um terreno cheio de desnivelamentos rapidos, e, por isso, cortado de cachoeiras e cataractas taes como as de Caparanga, Toaza, N'Zamba e Suceia-Muquita, algumas com mais de 60 metros de altura, até que, já muito ao norte, se estende nas planicies de Cassange.

Os affluentes são numerosos pelos valles por onde, em montanhas tão accidentadas, se escorrem as aguas para o Coango, que é o grande collector commum.

Até ás terras do Mune-Coje ou Mazul o Quango conserva as margens abruptas, o leito tortuoso, com uma largura maxima, por vezes, de 10 a 70 metros.

A mesma differença do nivel das aguas, entre as maiores cheias e o maior abaixamento da estiagem, via-se ter sido, quando Ivens a observou, de 2 = 6.

A vegetação que cobre as margens abruptas do Coango, é verdadeiramente selvatica, e cheia de plantas espinhosas que atravessam e ferem como ferros agudos. Ha ahi as grandes Festuceas, a *marianga*, genero de *bambu*. E, nos logares encharcados, as gramineas dominam, os Nenuphares, as Victorias regias e, em enfim, as grandes florestas, os *nuchitos* formados de acacias, urticaceas, etc., onde se enroscam os enormes cipoz.

Da alta corda de Tala Mogongo correm, para nordeste, numerosos affluentes do Coango.

«É realmente esplendido, disse o sr. Ivens no salão da Trindade, o esplendido panorama que se desenrola á vista do viajante, quando, avançando para o norte, pelos terrenos elevados, chega á beira da quebrada de Mogongo a que está subordinada, pelo oeste, toda a hydrographia do Coango. Elevado, n'este momento, n'uma altura de 4:000 pés acima do nivel do mar, vê o viajante, de repente, como que desaparecer-lhe o terreno n'um desnivelamento não inferior a 1:500 pés, estendendo-se, para o norte, em vastas planicies, que formam as terras de Cassange habitadas pelos Bangalas, n'um horisonte, não menor, de 45 milhas.»

D'ahi se vê o extenso curso do Coango, serpeando pela immensa planicie.»

A primeira cataracta importante do Coango é a de Caparanga. A largura do rio é alli de 33 a 40 metros. A altura da queda tem 50 metros. O leito é de granito.

D'este ponto o Coango volta, de repente, para leste, e, atravessando as terras do Quembo, passa depois, pela região dos Bangalas.

Quando o Cuango se afasta para leste da cordilheira de Tala Mogongo, as planicies apresentam-se mais frequentes, mas, por isso mesmo, mais alagadas pelas chuvas e pelas cheias que difficultam o transitio.

Pelo paralelo 8.º sul estão, nas terras de Junga, as nascentes do rio Hambe, grande affluente do Cuango, que lhe traz as aguas abundantes das serras do oeste.

Na extensa região do Hungo, que fica mais ao norte, determinaram os exploradores portuguezes muitos affluentes importantes do Cuango, taes como o Hambe e o Quillo que é seu affluente, o Cugo, a que tambem afflue o Caoali.

Ao norte do Cugo encontraram Capello e Ivens uma região particularmente interessante: Está debaixo do 7.º paralelo sul, occupando tambem a longitude que, nas cartas, hypotheticamente se attribue ao lago Aquilonda, d'onde se suppõe sair um affluente do Congo, o Barbela, que tambem por hypothese se marca correndo para o norte, paralelo ao Coango.

Depois da viagem de Capello e Ivens estas hypotheses acabaram n'uma grande parte.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

A SALA DOS ACTOS GRANDES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A sala dos actos grandes da universidade de Coimbra, que vulgarmente chamam dos *capellos*, foi talvez construida no seculo XVI, depois que el-rei D. João III ordenou que as aulas se transferissem para os seus paços das Alcaçovas. Estando porém já muito damnificada, principalmente no tecto, no meiado do seculo XVII, representou o claustro a el-rei D. João IV, pedindo-lhe auctorisasse os necessarios concertos com o dinheiro pertencente á fabrica da capella. Concedida a auctorisacão por carta regia de 7 de fevereiro de 1654, parece-se fariam logo os reparos, pois se poz no tecto a data de 1655.

A sala tem 26 metros de comprimento, 12 de largo e a altura proporcionada. O tecto é de madeira apainelado e pintado de ramagens, laçarias, aves e outras figuras de pura phantasia. Este estylo de pintura foi muito usado nos seculos XVI e XVII particularmente pelos jesuitas que em Evora o empregaram tambem na sala dos actos da universidade e n'outras partes. A sala grande da universidade de Evora, hoje em completa ruina, era muito semelhante á de Coimbra, mas adornada exterior e interiormente com profusão de marmores, extrahidos das pedreiras de Estremoz.

A sala dos actos grandes da universidade de Coimbra tem na parte superior muitas tribunas, entre as quaes estão collocados os retratos dos reis de Portugal, pintados a oleo e de tamanho natural. Em baixo, em toda a extensão da sala, ha uma galeria com balastrada e com os assentos para os doutores; d'onde lhe vem o nome de *doutorões*. Fios azulejos cobrem as paredes até meia altura, e d'ahi para cima papel vermelho adamascado, pelo qual ha poucos annos foi substituido o damasco verdadeiro, estragado pelo tempo. No topo, no logar principal, está uma cadeira riquissima de pau santo, ornada de pregaria e taurias de metal amarello.

Para as grandes solemnidades academicas a cadeira da presidencia, o logar do reitor, as tribunas e os retratos dos reis são adornados com sanefas e panos de damasco agaloados. Esta ornamentação, que dá á sala um certo aspecto ecclesiastico, juntamente com a batina e as ceremonias religiosas da capella é tudo o que resta da antiga influencia e preponderancia da igreja na universidade. Os professores tem tanta liberdade para o ensino como os das universidades livres da França ou da Belgica. Sem esta condição essencial ao progresso das sciencias, os estudos permaneceriam estacionarios e immobilizados, como aconteceu antes da reforma do Marquez de Pombal.

Na sala grande da universidade celebram-se annualmente as festas solemnes da inauguração dos estudos academicos e da distribuição dos premios aos alumnos mais distinctos. Serve tambem para os exames de licenciados e actos grandes dos doutores ou theses, para as ceremonias dos graus e para as provas dos concursos aos logares de professores da universidade.

Ainda ha poucos annos os discursos que se liam nos doutoramentos e outras solemnidades eram escriptos na lingua latina. Ultimamente muitos d'estes discursos tem sido feitos na lingua portugueza. É uma substituição vantajosa que dá logar a que o publico se interesse nas solemnidades scientificas, e se illustre tambem, ouvindo e entendendo os homens de sciencia. Todavia nas ceremonias dos graus a collocacão dos oradores não é a mais adequada para este fim. Se a sala tivesse interiormente a disposicão de amphitheatro, como as de algumas universidades estrangeiras, os espectadores poderiam, n'aquelles e n'outros actos ver e ouvir melhor, e ainda mais commodamente, pois não teriam necessidade de ficar de pé, como hoje acontece.

A. FILIPPE SIMÕES.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

¹ Vidé De Loanda ao Cassai pelo tenente Otto Schutt, 1877-1879 OCCIDENTE v. II, pag. 132 e seguintes.

A NOVA LOUZÃ

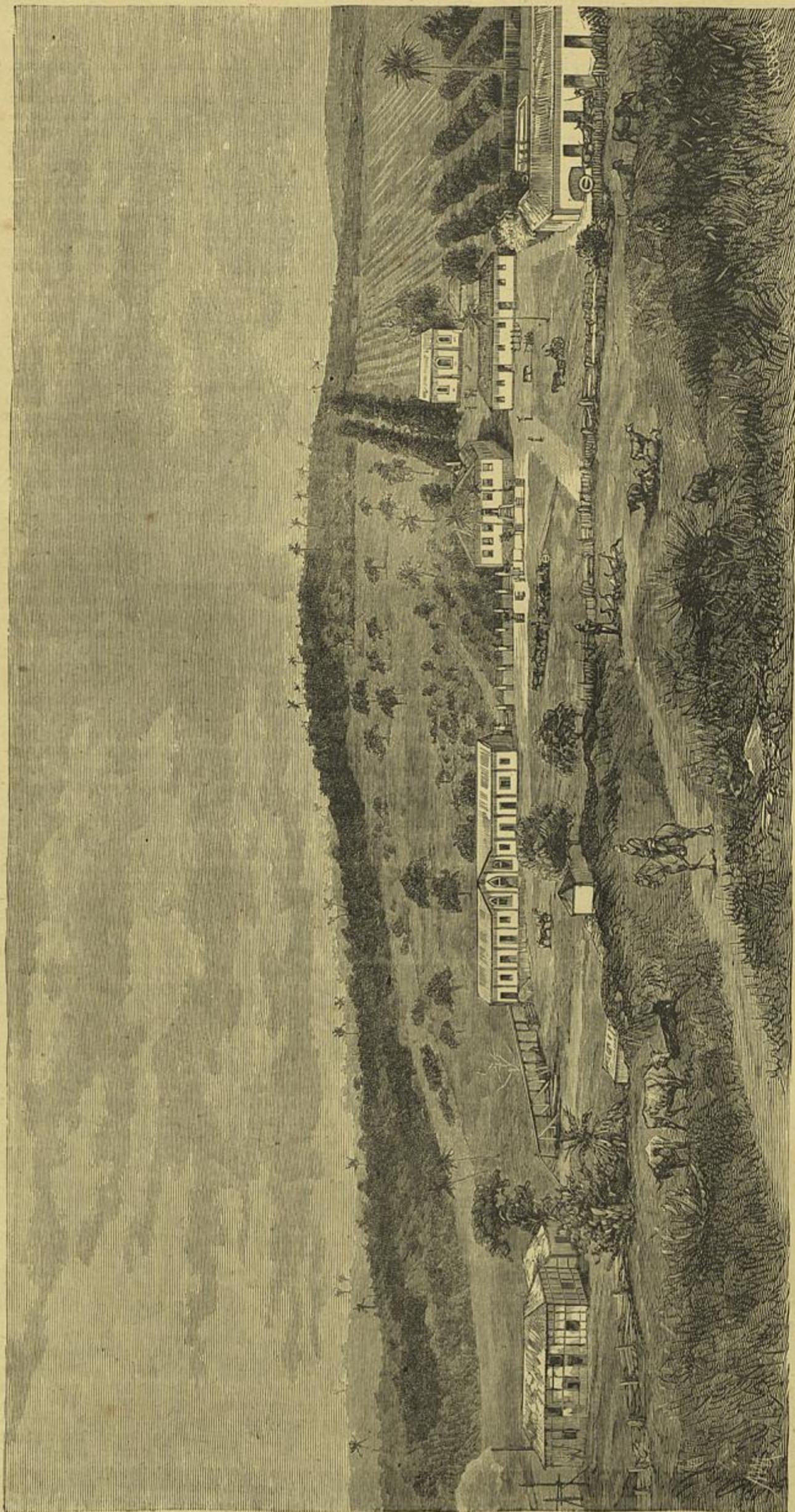
Reproduzindo a photographia da vasta propriedade da Nova Louzã, fundada em 1867 na provincia de S. Paulo, do Brazil, pelo sr. commandador João Elizario de Carvalho Monte-Negro, quiz a direcção do Occidente prestar justa homenagem de consideração a um dos benemeritos portuguezes que, saindo da patria por circumstancias particulares, e porventura independentes da sua vontade, mais tem honrado, n'aquelle imperio, o nome da terra que lhes foi berço, e tanto que elle, no proprio titulo da propriedade que ali adquiriu e engrandeceu, deixa perduravel memoria.

Natural da Louzã, onde tambem possui ampla propriedade, o sr. Monte-Negro, ao comprar o terreno na provincia de S. Paulo, dispondo apenas de trinta homens, trabalhadores livres, todos oriundos do seu concelho ou dos concelhos visinhos, no districto de Coimbra, ali encontrou uma plantação de 15:000 pés de café, e portanto o seu principal cuidado foi adquirir maior porção de terreno, onde podesse desenvolver aquelle genero de cultura, uma das mais importantes fontes da riqueza do Brazil.

Não sei se a gravura, apesar de perfeita, dará idéa do que seja ao presente a chamada colonia da Nova Louzã, onde trabalham duzentos homens, sujeitos a um regimen, que tem merecido o elogio de todas as pessoas nacionaes e estranhas que a visitam; que é justamente considerada como *fazenda modelo*, segundo a linguagem da provincia; e que já mereceu a honra da visita de sua alteza o sr. conde d'Eu e sua esposa, a princeza imperial do Brazil, em outubro de 1874; e em setembro de 1878 a do proprio imperador o sr. D. Pedro II, indo sua magestade acompanhado do presidente do conselho de ministros, do presidente da provincia, e de muitos deputados e senadores; mas, o que posso affiançar, pelos documentos que possuo e á vista das estatisticas e dos livros com que me favorecem a miudo d'aquella provincia, é que a Nova Louzã, começada em poder do actual e esclarecido proprietario, como disse, com 15:000 pés de café, conta hoje cafezaes com 150:000, e maravilhosa produção.

Além d'isso, como os trabalhadores vivem ali em colonia, os solteiros a um lado e os casados a outro, e por consequencia o sr. Monte-Negro lhes dá casa, cama, mesa e instrucção, porque a *fazenda* tambem possui escola primaria para os menores e adultos, que são obrigados á frequencia em virtude de um regulamento, que elles accitaram, discutiram e votaram, n'uma assembléa de familia, com a liberdade do homem que trabalha e pensa; — na vegetação que se nos apresenta nos primeiros planos da estampa, estão os jardins que dão flores para as habitações e para a capella, a horta e os pomares, que dão todos os fructos para aquellas laboriosas familias, como se vissem no centro dos uberrimos e ajardinados campos da sua antiga provincia do Douro.

BRAZIL — VISTA GERAL DA COLONIA PORTUGUEZA NOVA LOUZÃ NA PROVINCIA DE S. PAULO (Segundo uma photographia)



As casas, que ali alvejam, são as do proprietário, á esquerda (de seis janellas com porta ao centro), o escriptorio, os quartéis da família, a enfermaria, os celeiros, as officinas (a de serração de madeira tem machina de vapor da força de 10 cavallos, que tambem dá movimento a um moinho em occasião de secca), os telheiros, a abegoaria, etc. Não parece a propriedade de um só individuo. É uma povoação cheia dos encantos, que vem do trabalho regular, methodico, livre e prospero; e da direcção intelligente, solícita e paternal. Ali não existem nem escravos, nem engajados. Tem-n'o repetidas vezes a imprensa brazileira e portugueza registado com um louvor, que não pôde tomar-se como lisonja exagerada para com o sr. Monte-Negro, porque é tão sómente a expressão da verdade averiguada por centenares de testemunhas, e é a voz geral e insuspeita dos próprios homens, que trabalham em a Nova Louzã.

E porei, por ultimo, um facto de summa importancia em abono do regimen d'aquella *fazenda modelo*: é que o sr. Monte-Negro, nos doze annos decorridos, ainda não teve que pedir a intervenção de nenhuma autoridade da comarca ou da provincia para corrigir faltas ou delictos dos empregados ou operarios ao serviço da Nova Louzã. Ainda nenhum pois deu, n'esse periodo, contingente para a estatística criminal da provincia. Exemplar em tudo.

BRITO ARANHA.

AS NOSSAS GRAVURAS

LOURINHÃ — RUINAS DA ANTIGA EGREJA MATRIZ

Lourinhã, villasinha da Estremadura, situada 60 kilometros ao norte de Lisboa, pertence á comarca de Tor-

res Vedras e é cabeça de um concelho que abrange varios logares n'uma area de 14 kilometros de N. a S. e de 15 kilometros E. a O. Tem 2.251 fogos e 9.445 habitantes.

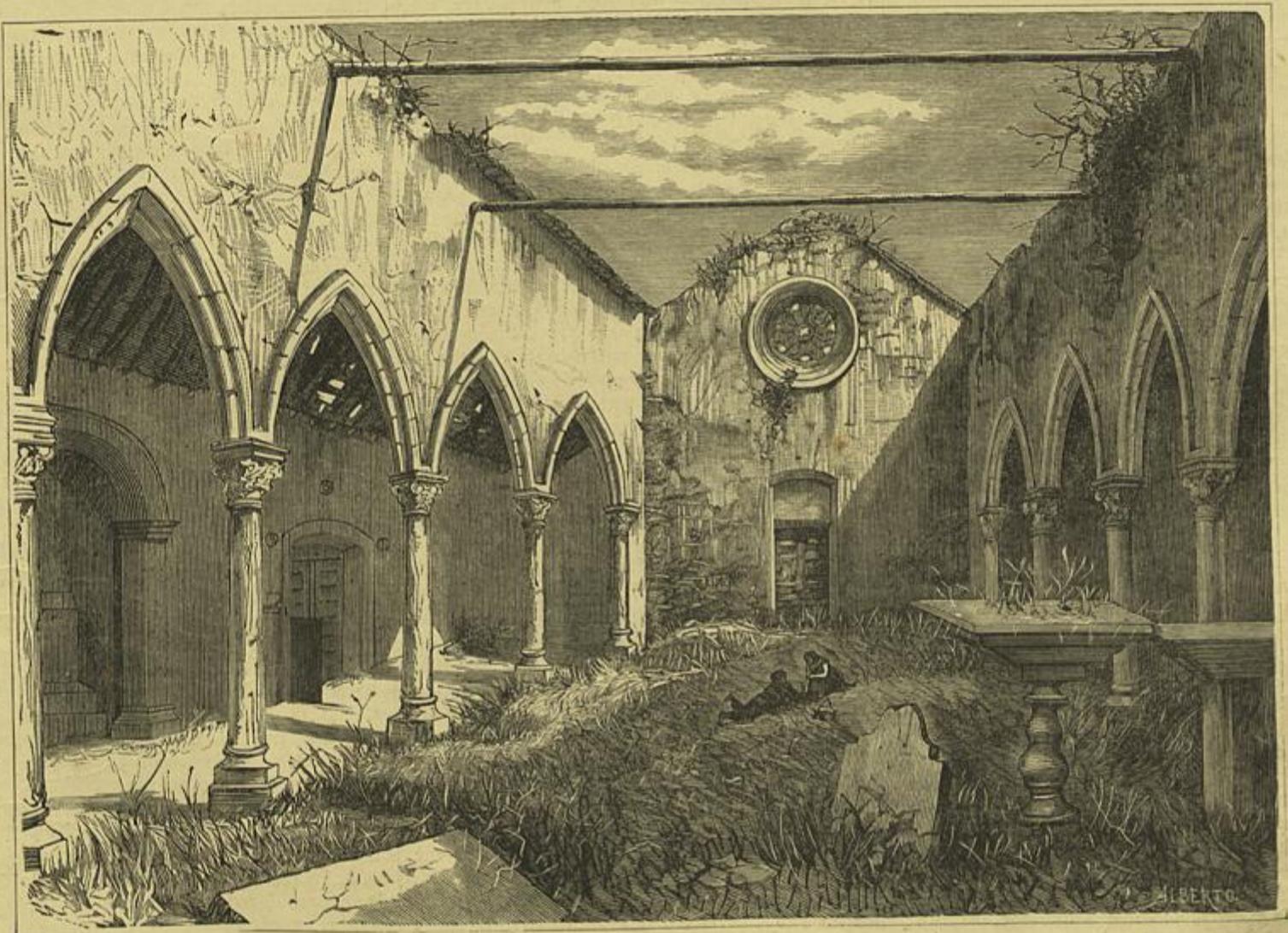
Eis o que se pode dizer da Lourinhã, além de que o seu territorio é fertil em cereaes e grande a sua producção vinicula, attingindo em alguns annos a 15 mil pipas, a qual pela maior parte é queimado para aguardente, pela difficuldade que ha, por falta de vias de com-

municação, em transportal-o para os principaes mercados. N'este ponto a Lourinhã está em plena idade que poderá ser da pedra, mas que não é com certeza do macadam.

Agora as nossas gravuras. Representam estas as ruinas da velha egreja matriz da Lourinhã. O povo da localidade attribue-as aos mouros, como meio mais commodo de explicar o que não conhece, entretanto a sua fundação



VISTA EXTERIOR DA VELHA EGREJA MATRIZ DA LOURINHÃ (Segundo um esboço do natural por o sr. Ribeiro Arthur)



CORFO E NAVES LATERAES DA VELHA EGREJA MATRIZ DA LOURINHÃ (Segundo um esboço do natural por sr. Ribeiro Arthur)

deve remontar ahí pelo século xv. Ha mesmo quem diga que foi mandada edificar por D. João I, fundando-se em ter sido a igreja sagrada pelo arcebispo de Braga D. Lourenço, natural da Lourinhã e conselheiro d'aquelle rei.

O templo é vasto, no estylo gothico, e são magnificas as suas columnas de marmore encimadas por formosos capiteis, sobresaindo a capella-mór aonde existem ainda uns vestigios de excellentes esculturas e bellos porticos.

Está edificada esta igreja no recinto do antigo castello da Lourinhã do qual apenas restam uns leves indicios.

A nossa gravura é feita segundo os esboços com que o sr. Bartholomeu Sisinando Ribeiro Arthur nos obsequiou, desejoso de tornar mais conhecido estas venerandas reliquias do passado.

LUDOVIG HARTMANN

É bem conhecido este nome ao qual os ultimos acontecimentos, que se relacionam com o movimento revolucionario russo, deram uma popularidade universal.

Luduvig Hartmann, é, diz o governo do Czar, o auctor ou um dos auctores do mais audacioso attentado a que tem escapado o imperador, attentado que consistiu em fazer voar pela dinamite o comboio em que o Czar se dirigia a S. Petersburgo e aniquilal-o de vez com uma boa parte dos seus conselheiros. Quiz porém o destino que os conspiradores se enganassem no comboio e não foi o do Czar que soffreu consequencias d'este processo terrivel e sumario.

Hartmann nasceu em Archangel, cidade da Russia, nas margens do mar Branco em 1850. É filho d'um mercador alemão que tem mais 4 filhos. Foi empregado do commercio em S. Petersburgo d'onde passou para Rostoff.

Um discurso que fez em 1876 contra o imperador valeu-lhe as perseguições da policia, tendo de fugir para Taganroz aonde permaneceu algum tempo, com um nome supposto, exercendo a profissão de mestre escola. Nos ultimos quatro annos conseguiu sempre escapar á acção da policia que o procurava sempre, avistando-o n'um dia para lhe perder a pista no outro. Hartman é um producto do desespero Russo, conhecido pelo nome fantasioso de *nihilismo*, que ainda ninguem soube explicar precisamente, e que, parecendo pelo epitheto indicar uma seita horrorosa, conta até certo ponto com as sympathias da Europa liberal. da mesma forma que conta em si quasi tudo o que, no imperio moscovita, ha de mais illustrado e mais intrepido.

Hartmann, como é sabido, de poiso attentado *rocambolesco* que tanta sensação produziu na Europa, refugiou-se em Paris. Alli, a policia Russa, conseguiu avistal-o e denunciou-o ao governo francez, que o deteve, mas que, depois, o tornou a soltar, alegando que não só a sua identidade não estava bem comprovada, mas que não podia violar o sagrado direito de azilo, que o criminoso ou não criminoso tinha procurado em territorio estranho. Hartmann dirigiu-se depois a Inglaterra, onde se acha muito bem descaçado, certo de que ahí não tem a receiar os rigores da policia moscovita. Ultimamente attribuiram-lhe uma confissão do attentado de que o governo do seu paiz o accusa, mas elle negou-a, e como o seu nome ficou legendario, não admira que, de ora avante, lhe vão attribuindo quaesquer outras cousas que elle nunca faça nem nunca diga.

NOTAS SOLTAS

ROMANCE REALISTA EM 1457

Era em S. Miguel. A manhã ia placida e quente. N'aquelle abençoado torrão, isento de animaes venenosos, tudo exuberava em lavor. Aves gorgeavam debatendo-se em saltos, esvoaçando-se trefegas: pastores ao som de rusticos instrumentos tangiam os gados do infante D. Henrique, ou dos raros senhores que já possuíam tractos de terreno na ilha, cuja povoação iniciára o malfadado e illustre infante D. Pedro, que lhe pozera nome. Já ia mais de meado o setembro de 1457.

Beatriz Annes, moça, robusta sem demasia, airosa e de uma formosura seductora, estava assentada n'um escanó á porta d'uma pequena casinha coberta de colmo e lages. Á roda, com

tudo o descuido proprio da idade, retouçava uma bonita criança de tres annos pouco mais ou menos, correndo de uma parte para a outra, puchando de quando em quando pelo fuso á mãe, que fiava uma rocada de linho. De espaço a espaço parava ella no seu lavor e levantando o collo, esguardava um homem moço e galhardo que, a distancia de uns cincoenta a cem passos, andava entretido em preparar o pastel, cultura nova, de poucos annos introduzida pelo infante D. Henrique, que para ella obtivera privilegio exclusivo.

Apesar de sorrir ao tenro infante, que incessantemente trebellhava, Beatriz de vez em quando, suspendia-se inconsciente, e olhava vagamente para um ponto fixo, ou para o céu, sem poder dizer porquê. Duas vezes o seu João de Guimarães viera a casa beber um gole d'agua, e a criança afagava ora o pae ora a mãe.

Sentiram-se passos pelo caminho, ainda aspero e mal cortado, que conduzia á cabana; a mãe parou o seu trabalho, o filho cessou de brincar e correu para o pé d'ella, com os olhos longos para uns vultos que mal se avistavam, e Beatriz chamando o seu João perguntou-lhe: quem virá agora ahí?

João tambem se quedou a olhar; os vultos foram-se aproximando, aproximando, e, quando já estavam a seis ou dez passos, Beatriz soltou de repente um ai! desolador e correu, com o filho agarrado, para dentro da cabana. João de Guimarães n'um momento se poz em defeza á porta, com um cajado na mão.

Então o grupo, de tres ou quatro homens, parou, e um d'elles, que era o meirinho, desenrolando um grosso papel que trazia na mão, o entregou a outro, que era o seu official, o qual dirigindo-se a João de Guimarães entrou a ler. Era uma deprecada do juiz de Santarem, na qual se dizia que perante elle querellara Martim Annes, morador n'aquella villa, contra sua mulher Beatriz Annes, e João de Guimarães, por ella ter fugido de casa e haver-se ausentado para parte incerta com aquelle, levando-lhe varias coisas de que apresentava rol, pelo que requerera contra elles por crime de adulterio e de furto; que depois tendo descoberto que elles faziam vida um com o outro na ilha de S. Miguel, pedia para serem alli presos, etc.

Ao ouvir o longo aranzel judicial, João de Guimarães ficou mudo e extatico á porta do seu tugurio, Beatriz dentro de casa desfazia-se em pranto, que estarecia e o pequeno chorava em altos gritos, sem comprehender a desgraça da sua condição.

A scena commoveu a todos. Beatriz e João eram muito bem reputados, por serem bons e trabalhadores. O official era seu compadre, o meirinho estimava-os. Então este, que fora requerido para proceder á captura dos criminosos e ao arresto dos bens, interveiu, fallou á parte com Martim Annes, o qual em voz um tanto turbada disse: «não, eu não quero fazer mal a ninguem, elle que me restituia minha mulher e o que me trouxeram, e perdoo-lhes.»

João de Guimarães que o ouviu disse ao meirinho: «eu bem sei que seduzi essa pobre mulher e que sou muito criminoso; ella coitada, deixou-se embebeicar por minhas palavras, talvez porque não tinha um filho de seu marido, elle que lhe perdoe e eu deixo tudo, tudo: ai! mas o meu filho.»

«Teu filho, bradou Martim Annes, faz mais falta á mãe que a ti, ingrato, e por isso irá com ella, tirar-lh'o não quero, e tu vae para onde quizeres, não faltam comborças e barrégas de clerigos por esse mundo, deixa as mulheres casadas a seus maridos. Amanhã, senhor Pedro Alvares faredes-me um instrumento d'isto; tudo está acabado entre nós, mas não me torneis a apparecer: el-rei appellidou gente e faz nova armada para uma jornada a Africa, bom ensejo para peccadores; embarcae-vos, ide com elle, aproveitae-vos da bulla do papa e do perdão d'el-rei, e no sangue dos increos lavae toda a culpa de que andaes gafo.»

Effectivamente no dia seguinte, 28 de setembro de 1457, lavrou o tabellião Pedro Alvares um instrumento pelo qual Martim Annes se dava por entregue de sua mulher e de tudo

quanto lhe ella levava, ficando até com o mais que havia em casa d'ella, outorgando-lhe nelle o respectivo perdão; e com ella e a sua longanimidade regressou ao reino.

João de Guimarães seguiu o conselho: embarcou na armada d'el-rei, esteve com elle na filhada d'Alcaeer Ceguer; deu muita bordoada nos mouros, cumprindo á risca o conselho de Martim Annes, e parece que o peccado não chamou sobre elle nem uma golpada; mas o tabellião esquecera-se do nome d'elle na escriptura, e só mencionára o perdão de Beatriz. Assim João de Guimarães requereu a Affonso v, que em vista dos seus serviços lhe perdoasse, o que el-rei fez, pela sua carta datada de Evora a 7 de dezembro de 1458, como se pôde ver no 36° Liv.º da sua chancellaria a fl. 249.

Parece pois por tudo o referido que á hora em que Constantinopla caía em poder de Mahomet II, caía a virtude da pobre Beatriz nos laços do maganão do João de Guimarães, e naturalmente quando este entrava triumphante em Alcaeer Ceguer, entrava Martim Annes tambem triumphante na sua casa de Santarem, com a sua reconquistada Beatriz. Honremos a sua prudencia!

Pena temos de não poder dizer mais nada da vida d'estes sujeitos, nem que feito foi do pequeno, que provavelmente veio a ser muito feliz.

JACINTHO PERES.

NORDENSKIOLD E A PASSAGEM DO NORDESTE

III

Quando o mar estava livre de gelos e o tempo claro, o *Vega* e o *Lena* corriam, quanto podiam, a vapor e á vella. Mas as nevoas eram frequentes e os dois navios tinham de fazer signaes repetidos, um ao outro, para se não perderem. A agua era pouco salgada á superficie e não tinha vagas, perfeitamente tranquilla, sempre que a cobriam pedaços de neve.

As vezes os navios tinham de esperar, amarrados a algum espesso bloco d'ella. Saltando uma vez, sobre um d'elles Nordenskiold procurou encontrar a curiosa poeira cosmica que vira em 1872 na costa septentrional do Spitzberg. Com effeito havia manchas escuras na neve mas, essas, eram formadas por accumulações de cristaes regulares, alguns chegando a ter milímetros de diametro, desconhecidos para o distincto professor de mineralogia, e que elle supõe serem um mineral cristalizado, na agua do mar, sob a influencia particular do frio do inverno, n'estas paragens.

Quando aportavam, momentaneamente, a alguma ilha, viam-n'a, pela temperatura humida do verão, coberta de lichens. As dragagens obtinham uma Crinoide notavel (*Alecto Escherichtii*), Estrellas do mar, e, junto da terra, grandes Algas marinhas.

Pelas terras voavam raras Gaivotas, Tentihões das neves, especies de Cegonhas, Patos, uma Curuja branca, um Falconidio e alguns Logopodes, tambem chamados *perdizes dos gellos*; e, no mar, descobriram-se, com grandes intervallos, duas Morses, algumas Phocas barbudas e um grupo de Phocas amareladas.

Uma pequena bahia, entre a peninsula e a ilha de Taimyr (76°, 51 at. 93°, 38 long.), recebeu o nome de Actinias por ter muitos d'estes moluscos.

Em volta, os campos, estavam cobertos d'um bello pasto de gramineas, de musgo e de lichens. Os Rangiferos fugiam timidamente ante os caçadores, e, nas terras, encontrou-se um Rangifer meio devorada pelos lobos de que se viram, evidentes, as pistas.

A ponta de Taimyr, que o *Vega* e o *Lena* passaram então, é menos adiantada para o norte do que os mapps a marcam geralmente.

A 16 de agosto os dois navios de descoberta lançaram ferro na bahia que divide em duas pontas; prolongando-se pelo mar, o cabo de Tscheljuskin, içaram a bandeira sueca e deram um tiro de peça.

O tempo estava claro, a costa livre de neve e banhada pelo sol.

Sobre o cabo mais norte do velho mundo, um grande urso branco olhava inquieto para os viajantes. Sómente, quando ouviu o tiro de peça, espantado, desapareceu correndo para o interior.

IV

A 27 de setembro o *Vega* estava na bahia de Kolioutchine, já no estreito de Behring, a uma distancia pequenissima do mar Pacifico.

A passagem pelas costas do norte, da Europa para a Asia, podia considerar-se descoberta e realisada.

No mar appareciam, até grande distancia, neves fluctuantes; mas, junto da costa havia uma passagem livre que, sondada ao cair da noite, se vio ser sufficiente para a navegação do *Vega*.

No dia 28 o *Vega* poz-se com effeito em movimento: iam enfim terminar os trabalhos.

Em poucos dias avistariam os portos do Japão.

De repente as aguas começaram a apresentar um caracter estranho, e o navio teve de avançar cortando os gelos, que já por toda a parte se apresentavam com cinco centímetros de espessura. Tomou então mais ao largo para navegar por entre os blocos fluctuantes mais isolados, mas estes começaram a unir-se e o *Vega* teve que amarrar junto dos *Grundis*, grandes massas de neve fixadas ao fundo do mar.

Então o circulo dos gelos começou a tornar-se cada vez mais estreito em volta da expedição, e alguns dias de expectativa e de immobillidade foram bastantes para convencer Nordenskiöld de que iam passar, um inverno inteiro, presos, immobilizados, a tão curta distancia do fim.

O *Vega* achava-se n'uma situação perigosa: Amarrara a um grande bloco de neve que devia protegê-lo, a 1400 metros da terra. Este bloco podia deslocar-se, e as tempestades podiam arrojá-lo sobre o navio; e os mesmos gelos podiam, pelas differenças de dilatação, fazer estalar o navio, subvertê-lo; e por muitas vezes se lhe ouviram as madeiras gemer e estalar como se uma prensa poderosissima o fosse lentamente esmagando.

Assim estiveram por 67° 7' de lat. norte e 173° 1/3 de long. a oeste de Greewich.

Esta parte da viagem foi sem duvida a mais interessante por que, demorada n'um ponto muito pouco conhecido ainda da sciencia, a commissão pôde observá-lo attentamente sob todos os seus aspectos.

O paiz do lado da Asia, estava, pelas neves, em communicação com o *Vega*. Os seus habitantes, os Tchoukches, estiveram em relações permanentes com os expedicionarios.

Durante o inverno a falta de caça e de peixe obriga-os a emigrar mais para o sul, n'uma miseria extrema. Nordenskiöld teve por muitas vezes de os sustentar.

Os Tchoukches mostravam-se muito gulosos dos alimentos europeus. Em troca d'elles prestavam-se a fazer toda a sorte de serviços á expedição do *Vega*, e sobre o tombadilho d'este, passavam homens, mulheres e creanças dias inteiros.

Nordenskiöld obteve d'elles uma grande collecção de documentos ethnographicos, desenhos, esculpturas em ossos, modelos e instrumentos, muitos dos quaes são de pedra.

Uma vez o *Vega* foi visitado por o *Starosta Wasili Menka*, auctoridade russa dos Tchoukches nomados. Era um homem muito pequeno, tri-gueiro, com ar indolente e enfraquecido. Vestia uma pelissa de rangifer por baixo da qual se via uma camisa de flanela azul. Não sabia ler nem escrever e fallava muito mal o russo. Do imperador da Russia não fazia a menor idéa e apenas lhe constava que, em Irkoutsk governava um homem muito poderoso. Quando viu as photographias e as gravuras nos quadros da camara do navio inclinou-se fazendo com devoção o signal da cruz.

Os expedicionarios do *Vega* fizeram differentes excursões em terra sobre trenós puchados por cães.

Alguns povos domesticavam e ensinavam os rangifers.

Vestiam-se principalmente com pelles de phocas, mas tambem com tecidos de côres variadas de fabricação russa. As mulheres usavam, no pescôço e nas orelhas, perolas de vidro enfiadas em tripas, e tinham a cara e as mãos tatuadas.

Os habitantes d'uma mesma tenda dormem juntos n'um quarto que não tem mais ás vezes de 2,°50 de comprido, 2 a 2,°20 de largo e 1,°30 a 1,°50 de alto. Depois de cearem homens e mulheres, nus, apenas cobertos por uma pequenissima tanga de 15 centímetros de largo, deitam-se juncto uns dos outros. As camaras são fortemente aquecidas por lampadas de oleo de peixe. As immundicies accumulam-se ali e o cheiro é sempre detestavel. De manhã a dona da casa, antes que os outros habitantes se tenham vestido, serve carne cozida em fatias, o toucinho de phoca, uma especie de chocurute de folhas de salgueiro fermentadas, figado e sangue de phoca gelado.

Muitas vezes os Tchoukches estavam estendidos no compartimento interior e apenas tinham a cabeça saida para fóra, comendo.

As mulheres, a quem os membros da expedição offereceram por vezes assucar, olhavam para elle a principio desconfiadas, como d'um objecto inteiramente desconhecido, mas comiam-n'o depois com avidez.

N'algumas povoações Tchoukches os rangifers estão perfeitamente domesticados. Ao sairem os habitantes das tendas, de manhã, os animaes aproximam-se e lambem-lhes as mãos. Os proprietarios examinam-nos então attentamente e, a um signal que lhes dão, fazem-nos de novo voltar para os pastos.

Muitas vezes, e apesar de percorrerem rapidamente largos espaços de terreno, os Tchoukches estavam muito tempo sem darem aos caens que puchavam os trenós nenhuma especie de alimento. Estes animaes, sempre fortes e bem dispostos, pareciam apenas sustentar-se dos excrementos gelados das rapousas e dos de outros animaes que, por acaso, encontravam, e tomavam, de caminho, sem pararem a carreira.

São frequentes os amoletos que os Tchoukches usam supersticiosamente. Um muito estimado, é o tambor magico; teem tambem uma especie de forquilha de pau, boccados de pelles, a cartillagem d'um focinho de lobo e pedras chatas. Um Tchoukche não quiz vender um craneo de lobo sob pretexto, que elle nunca explicou mais completamente, de que, quando seu filho, — que tinha então 4 ou 5 annos, — casasse elle precisaria do dito craneo para lhe escolher mulher.

Os cocheiros dos trenós que corriam rapidamente sobre a neve fazendo por dia até 90 kilometros, cantavam, ás vezes, irregularmente, imitando gritos estridentes de animaes, ou dizendo phrases monotonas onde só raramente se podia advinhar um sentido melodico.

O maior frio observado nos differentes mezes, foi:

24 de outubro de 1879...	— 20°,8
30 de novembro	— 27°,2
23 de dezembro	— 37°,1
23 de janeiro de 1880. . .	— 43°,7
2 de fevereiro	— 43°,8
29 de março	— 39°,8

A 40° abaixo de zero, o mercurio congelava e as suas indicações deixavam de merecer credito. Servia então o thermometro de alcool. Quando o mercurio se congela, contrahe-se de modo extraordinario. Por isso, uma vez, os observadores julgaram ter estado, no norte da Suecia, sob uma temperatura de 90° abaixo de zero. O mercurio gela de baixo para cima formando grupos de agulhas cristalisadas em octaedros.

O tempo foi durante o inverno muito tempestuoso. Junto da terra, o vento soprava quasi sempre do norte, mas a direcção que seguiam as nuvens, indicava que mais alto, havia, permanente, uma corrente do sul. O estreito de Behring, é como que uma ponte rodeada de montanhas por onde passam, o ar quente do mar Pacifico, e o ar frio do Oceano polar. Uma porta aberta entre duas casas de temperatu-

ras differentes, produz exactamente os mesmos resultados. As chammas de duas luzes que se collocam n'uma porta a alturas differentes, enclinam-se-hão em dois sentidos, indicando as correntes: o vento quente passará pela parte superior, o vento frio pela inferior.

Nas regiões do estreito de Behring, o céu cobre-se de repente, de nuvens, e tambem rapidamente se torna limpido e claro, como se uma scena de theatro mudasse, em resultado dos diversos accidentes da lucta que, a uma certa altura, se estabelece entre as duas correntes de differente temperatura e humidade.

A agua ao congelar-se abandona o sal. Em muitos pontos, porém, nas massas geladas, fica por muito tempo agua com bastante sal dissolvido que pouco a pouco se vae perdendo. Assim o gelo antigo dá, quando fundido, agua potavel e propria para coser os alimentos.

O inverno de 1879 a 1880, teve auroras boreaes, pouco intensamente luminosas; mas, por isso mesmo, as formas extremamente brillhantes que tantas vezes, como que dependuram do céu cortinados esplendidos, não confundiram a observação nitida dos arcos, para assim dizer, fundamentaes, do phenomeno. A commissão scientifica do *Vega*, reuniu documentos importantes para o seu estudo.

Alguns annos as auroras boreaes são pouco intensas. Mas a terra está permanentemente, rodeada de uma corôa luminosa, simples, dupla ou multipla.

O centro d'esta corôa, ou o que se poderá chamar o *polo aurora*, deve collocar-se, relativamente á terra, entre o centro dos arcos magneticos, o *polo magnetico*, e o polo norte geographico do nosso globo.

Não é possivel por agora descrever completamente, nem sequer marcar-lhes as principaes consequencias, — as descobertas feitas pela commissão scientifica do *Vega*, em plantas e animaes.

Os documentos estão ainda por coordenar e estudar.

Os estreito de Behring é, sob este ponto de vista, uma região particularmente interessante.

Todos os organismos da America, cuja tendencia consistia em se adiantarem para o noroeste, vieram reunir-se n'esta ponta do Alasca. Todos os da Asia e Europa vieram do outro lado do estreito, estabelecer-se nos paizes dos Tchoukches.

O estreito de Behring é de pequena largura, ainda, além d'isso, interrompido por duas ilhas, e é por isso, sem duvida, o logar por onde plantas, animaes e o proprio homem, passaram, em differentes épocas, de um hemispherio para o outro.

São as terras do estreito restos d'uma ponte cortada, ou, pelo contrario, bases sobre que essa ponte se está edificando? O estudo das collecções feitas pelo *Vega*, poderá talvez, adiantar ou resolver esta questão importante. Em todo o caso a hibernação da expedição, que sem duvida foi perigosa e difficil para os sabios e marinheiros que a compunham, foi bem mais util para as sciencias, do que, se a temperatura houvesse permitido ao *Vega* passar rapidamente e sem tempo para investigações, através das aguas, livres de neves, no verão, do estreito de Behring.

Em abril o frio era ainda de 38° abaixo de zero; e, em maio, n'esse *mez das flores* como dizia ironicamente Nordenskiöld contando a sua viagem, o thermometro ainda chegou a marcar 26°.

De repente, em junho, a neve começou a derreter-se por forma tal que, no fim do mez, a terra estava quasi inteiramente descoberta. A 18 de junho o gelo, que rodeava o *Vega* havia 294 dias, deixou-o enfim livre; e, ás 3 horas da noite, o navio retirando as amarras, que o prendiam ao bloco de neve protector, começou a navegar.

No dia 2 de setembro o *Vega* lançava ferro em Yokohama no Japão:

A notavel viagem de exploração estava feliz e utilmente terminada.

E. LIMA DE BARROS.

DE BUENOS AIRES À PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

Ao chegar a casa, dirigi-me á sala.

Estavam alli Maria e a mãe de Emilia. Maria, correspondendo aos meus cumprimentos, baixou os olhos sobre a costura. Sua tia mostrou-se alegre com a minha volta; soubera do horrivel furacão que passara pelas Conchas, e receiava que me houvesse succedido alguma cousa.

Contei-lhes minuciosamente a historia do phenomeno, e passara a fallar das bellezas do Tigre, quando Maria, levantando novamente os olhos, os fixou no ramo que eu tinha na mão. Quiz-me parecer que o desejava; mas um receio indefinivel, certo respeito á tia, impediram-me de lh'o offerecer.

Deleitava-me, porém, pensando quão bem ficaria n'aquelles louros cabellos uma das pequeninas açucenas.

Para ella deviam de ser todas em troca dos ramos com que diariamente costumava ornar o meu pequeno quarto.

Qual não foi, porém, o meu espanto, quando ao entrar alli não encontrei uma unica flor!

Uma vibora que eu tivesse visto enroscada sobre a mesa, não me causaria, certo, a impressão que me causou a ausencia das flores.

Havia em seu perfume um não sei quê do espirito de Maria, que vagava em torno de mim nas horas de meditação, que se movia nas modestas cortinas do meu leito durante a noite!... «uma tolice! disse eu. Maria não pode amar-me!?... Que hei de fazer d'este ramo, que trouxe para ella?» Se n'aquelle momento me tivesse apparecido outra mulher, ter-lh'o-hia dado, com a condição de o mostrar a todos e de se enfeitar com elle. Levei-o aos labios, como para despedir-me pela ultima vez de uma illusão querida, e atirei-o para o pateo.

Diligenciei mostrar-me alegre durante o resto do dia. Ao jantar fallei com enthusiasmo das mulheres que vi no Tigre, e ponderei intencionalmente as graças da afilhada de D. Jeronymo. O tio estava gostando de me ouvir, e Emilia e sua mãe não se mostravam menos satisfeitas. Maria estava callada; mas pareceu-me que as suas faces empallideciam algumas vezes e não recobravam a côr primitiva, como as rosas que durante a noite ornaram um festim.

No ultimo periodo da conversação, Maria fingia entreter-se com os cabellos de Pedro, irmão mais novo de Emilia; e assim esteve até ao fim; mas logo que nos levantámos dirigiu-se para o pateo com a creança.

O resto da tarde e começo da noite passei-os no café de Catalanes em cavaco com Santiago, Tartini, Behety, Balletto e Perdriel.

As nove horas, com grande espanto dos meus amigos, despedi-me d'elles e dirigi-me a casa.

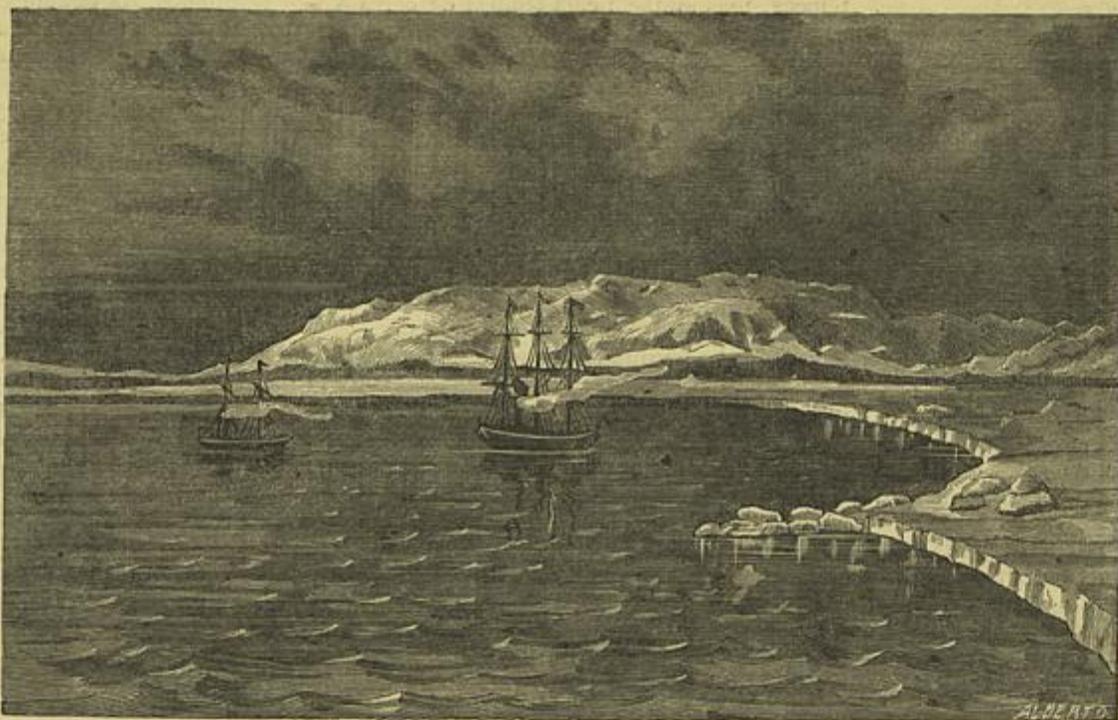
Estava toda a familia na sala. Ao sentar-me, fiquei surpreso, vendo uma das açucenas na cabeça de Maria.

Respondi mal a umas perguntas que se me fizeram sobre o estado de sitio de Buenos Ai-

res. A minha turbação não passou desapercibida aos olhos do dono da casa; o qual sorrindo, disse a Maria:

— Tens uma açucena muito Lonita na cabeça; não é das nossas.

Maria respondeu com voz quasi imperceptivel: — D'estas só se encontram no Tigre.



CABO TSCHELJUSKIN — Vide artigo Nordenskiöld e a passagem do Nordeste



LUDUVIG HARTMANN

N'aquelle momento surpreendi um sorriso bondoso nos labios de Emilia.

— E quem as trouxe? tornou o tio.

A perturbação de Maria era já notavel. Eu não tirava os olhos d'ella, que pareceu n'elles encontrar o que quer que fosse de animador, porque respondeu com voz mais firme:

— O sr. Almeida tirou um ramo para o pateo, e eu, achando que era uma pena o perderem-se umas flores tão lindas, apanhei-o e pul-o na casa de jantar: esta é uma d'ellas.

— D. Maria, disse eu, se soubesse que essas flores valiam tanto, ter-lh'as-hia offerecido; mas não me pareceram tão bonitas como as que encontro todos os dias no meu quarto.

Compreendeu o meu resentimento, e disse-m'o tão claramente com um olhar, que recei se ouvissem as palpitações do meu coração.

Quando os tios se retiraram da sala, estava, casualmente, Maria sentada ao pé de mim. Depois de muito vacillar, disse-lhe em fim, com voz que denunciava a minha commoção:

— As flores eram para V., mas não encontrei as suas...

Baluciava uma desculpa, quando a minha mão, encontrando-se no sophá com a d'ella, a segurou por um movimento alheio á minha vontade. Deixou de fallar. Os seus olhos olharam-me assombrados e fugiram dos meus. Passou, angustiosamente, pela frente a mão que tinha livre, e apoiou n'ella a cabeça, enterrando o braço nu no almofadão immediato. Por ultimo, fazendo um esforço para desatar esse duplo laço da materia e da alma que, n'aquelle momento, nos unia, poz-se em pé, e, como concluindo uma reflexão começada, disse-me, tão baixo que mal ponde ouvil-a: — a jarra nunca mais deixará de ter flores; — e desapareceu.

As almas como a de Maria ignoram a linguagem mundana do amor; mas dobram-se, estremecendo, á primeira caricia d'aquelle a quem amam, como a dormideira dos bosques sob as azas do vento.

Acabava de confessar o meu amor a Maria; e fôra ella que a isso me levara, humilhando-se, como uma escrava, a colher flores para mim. Por muito tempo sussurrou em meus ouvidos a sua angelica voz: — a jarra nunca mais deixará de ter flores.

(Continúa).

FRANCISCO D'ALMEIDA.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido um supplemento gratis a todos os actuaes assignantes e correspondentes, o mappa da viagem dos exploradores Capello e Ivens.

Tambem tem direito a este supplemento, bem como aos que ainda forem publicados n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes pelo corrente anno.

Para os compradores avulso, o preço do supplemento é de 400 réis, e com o jornal 500 réis. O jornal só 120 réis.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Na terra dos cegos quem tem um olho é rei.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6

